

Sociologias

Sociologias

ISSN: 1517-4522

ISSN: 1807-0337

revsoc@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

Oliveira, Roberto Vêras de
Entrevista com Chris Tilly
Sociologias, vol. 19, núm. 45, 2017, -, pp. 176-202
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-019004507>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86856407008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRGS redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Entrevista com Chris Tilly

ROBERTO VÉRAS DE OLIVEIRA*

Chris Tilly é Professor de Planejamento Urbano da Universidade da Califórnia Los Angeles - UCLA, Estados Unidos. Suas pesquisas estão direcionadas às áreas dos mercados de trabalho, desigualdades, desenvolvimento urbano e políticas públicas voltadas a melhores empregos. Esta entrevista com Tilly foi realizada por Roberto Vêras de Oliveira, durante seu estágio de pós-doutoramento na UCLA, em Los Angeles, em 2016.

Introdução



Chris Tilly é Doutor em Economia e em Estudos Urbanos e Planejamento (1989) pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts - MIT, com a tese *Half a job: How U.S. firms use part-time employment* (Meio emprego: como as empresas dos EUA usam emprego a tempo parcial). Foi diretor do Institute for Research on Labor and Employment – IRLE (Instituto de Pesquisa sobre Trabalho e Emprego) da UCLA¹ por oito anos, até junho de 2016.

* Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

¹ Consultar o site: <http://www.irle.ucla.edu/>.

Tilly vem de uma família de intelectuais. Seu pai, Charles Tilly, está entre os mais importantes sociólogos americanos contemporâneos, e sua mãe, Louise Audino Tilly, historiadora, é autora de uma obra relevante sobre mulheres e trabalho. Desde o início de sua carreira, priorizou estudos sobre Trabalho e Emprego, focando nos EUA e América Latina, mas também em outras partes do mundo, incorporando uma perspectiva marcadamente interdisciplinar.

Ao longo de sua carreira de mais de 30 anos como pesquisador social, nosso entrevistado produziu um grande número de artigos em revistas e livros, com ênfase nos temas do mercado de trabalho, desigualdade, desenvolvimento urbano, políticas públicas para melhores empregos, movimentos sociais e ação coletiva. Um de seus livros foi escrito com seu pai, *Work under capitalism* (Trabalho sob o capitalismo)².

Paralelamente à sua prolífica carreira como pesquisador social, Chris Tilly tem desenvolvido uma forte agenda como ativista social. Suas pesquisas relacionam-se, principalmente, com as questões socialmente relevantes levantadas por grupos de *advocacy*, organizações comunitárias e sindicatos. Nos últimos oito anos, a combinação de ambos os campos de ação, em sua trajetória pessoal, foi realizada através da relação orgânica entre o IRLE e o Centro do Trabalhador (Labor Center), também da UCLA – um centro de pesquisa multidisciplinar dedicado ao estudo, ensino e discussão sobre os temas do Emprego, envolvendo trabalhadores, estudantes, pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

Nesta entrevista, Tilly fala sobre sua trajetória, e explica como incorporou um foco nos temas do trabalho informal e precário. Segue-se a experiência no IRLE e sua agenda histórica e atual sobre questões de trabalho e emprego. A última parte discute as principais tendências atuais dos estudos laborais nos Estados Unidos, com uma atenção especial ao tema do trabalho informal e precário.

² Westview Press, 1998.

Por meio desses três enfoques (trajetória de Tilly, do IRLE e dos estudos laborais nos EUA), é possível identificar como se associam temas como trabalho e emprego, migração internacional e condições de trabalho, gênero, etnia-raça e classe, entre outros. Chama a atenção, em particular, a emergência de novas formas de organização da defesa dos trabalhadores informais e precários, com destaque para os centros de trabalhadores, que têm atuado em uma relação complementar e tensa frente aos sindicatos. Em contraste com uma agenda sindical classicamente centrada nos trabalhadores americanos, brancos e com empregos estáveis, os centros de trabalhadores reportam-se, sobretudo, a migrantes latino-americanos, indocumentados, com trabalhos informais e precários.

Trajетória acadêmica e de pesquisa de Chris Tilly

RO - *Você poderia dizer como convergiu para os estudos laborais em sua experiência acadêmica e de pesquisa? Quais os principais fatores que o levaram a esse foco?*

CT - Vou responder a isso apresentando uma pequena biografia. Meus pais me criaram com visões progressistas (por exemplo, levando-me a manifestações por direitos afro-americanos e contra a guerra do Vietnã), mas eu não me envolvi em uma organização até ir para a universidade. Fui para a faculdade no início dos anos 1970, e costumo dizer que “nós não sabíamos, então, que a década de 1960 tinha acabado!”. Na faculdade, eu me envolvi muito no movimento de boicote de consumidores, apoiando o sindicato dos Trabalhadores Agrícolas Unidos (United Farm Workers - UFW), principalmente trabalhadores agrícolas mexicano-americanos, liderados por César Chávez. No trabalho de apoio ao UFW, ideias como capitalismo, classe trabalhadora e luta de classes se tornaram muito mais concretas para mim e, por meio desse trabalho, bem como

do apoio a outros movimentos trabalhistas, tornei-me muito comprometido com a justiça econômica e profundamente interessado no tema do trabalho. Embora tendo feito uma graduação em bioquímica, quando me formei senti que o trabalho mais importante era a organização dos trabalhadores. Então passei sete anos atuando na organização de trabalhadores em hospitais. Aprendi muito, mas infelizmente meus companheiros e eu não tivemos muito êxito (era uma época em que a organização de trabalhadores estava se tornando muito mais difícil nos EUA, por razões que fui entender mais tarde, como estudioso do tema). Depois de sete anos, decidi que poderia contribuir mais para a causa do trabalho como acadêmico, e então ingressei em um programa de doutorado. Em meus estudos e pesquisas subsequentes, continuei profundamente interessado no tema do trabalho. Assim, meu interesse nesse tema foi provavelmente moldado, sobretudo, por minhas experiências de vida.

RO - *Por que o trabalho informal e precário se tornou tão relevante em suas escolhas de pesquisa?*

CT - Nos tempos em que apoiei o United Farm Workers, sempre estive interessado em compreender e resolver os problemas da desigualdade e dos trabalhadores que estavam em pior situação. Minha tese de doutorado explorou uma forma de emprego “fora de padrão”, o trabalho a tempo parcial. Desde aquela época, todos os meus principais projetos de pesquisa se concentraram em vários aspectos dos empregos ruins e em como torná-los melhores. Assim, em certo sentido, sempre estudei o trabalho precário, mesmo antes de o termo ser inventado.

Mas na maior parte de minha carreira de pesquisa, eu mirei o emprego formal, não o informal. Meu forte interesse no emprego informal também foi moldado por experiências de vida e compromissos políticos. Em 1973, no terceiro ano de faculdade, o presidente do Chile, Salvador Allende, foi derrubado por um golpe de Estado. Juntei-me ao movimento

de solidariedade ao povo do Chile, e isso gerou em mim um interesse permanente sobre a América Latina. Depois de décadas participando em movimentos de solidariedade à América Latina e viajando para vários países da região, decidi, em 1992, que tinha que incorporar a América Latina e a questão do trabalho na América Latina à minha agenda de pesquisa. Comecei uma pesquisa comparativa sobre empregos no setor varejista no México e nos Estados Unidos. À medida que eu estudava o setor de varejo no México, tornou-se óbvio que deveria levar em conta o varejo informal, e ao fazer isso, passei a me interessar pelo emprego informal em geral. Em 2011, trabalhando com um grupo de estudantes de doutorado da UCLA, organizei uma conferência sobre *Labor in the Global South* (Trabalho no Sul Global). Fizemos uma chamada aberta para comunicações e ficou claro que alguns dos trabalhos mais interessantes sobre esse tema investigavam novas formas de organização de trabalhadores informais. Peter Evans (University of California Berkeley e Brown University) e eu discutimos isso e decidimos reunir pesquisadores de todo o mundo que estavam estudando a organização dos trabalhadores informais em seus países. O grupo se reuniu em 2012, sob o nome de *Experiences Organizing Informal Workers* – EOIW (Experiências de Organização de Trabalhadores Informais), e a discussão foi tão empolgante que essa logo se tornou a minha principal área de pesquisa.

RO - Como pesquisador em Estudos Laborais, quais projetos você considera mais importantes dentre aqueles de que participou? Por quê?

CT - Penso que três projetos foram particularmente importantes. Em um deles, com Philip Moss, investiguei as barreiras ao emprego para os trabalhadores negros nos EUA, especialmente discriminação, exigências de qualificação e uma área ambígua de sobreposição entre as duas que nós, como outros pesquisadores, chamamos de “*soft skills*” (“habilidades sociais”), como motivação e capacidade de interagir satisfatoriamente

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

com outras pessoas. A pesquisa resultou no nosso livro em coautoria, *Stories employers tell: race, skill, and hiring in America*³ (Histórias que empregadores contam: raça, qualificação e contratação na América). A análise do impacto discriminatório de uma crescente ênfase do empregador nas habilidades sociais e a evidência de atitudes preconceituosas difundidas entre os empregadores foram contribuições úteis do projeto para o debate acadêmico.

Um segundo projeto, que Françoise Carré e eu estamos concluindo, analisa a variação nos empregos do varejo, tanto nos EUA como em todo o mundo, comparando os empregos do varejo dos EUA com os de cinco países europeus e do México. Nosso principal argumento é o de que, apesar da globalização, as instituições nacionais estão vivas e bem, e levam a empregos de qualidades diversas em diferentes países. Os empregos no varejo são esmagadoramente ruins nos EUA, mas melhores em outros lugares, por causa de diferentes regras institucionais; mesmo o Walmart atua de modo muito diverso em diferentes países. Estamos completando um livro provisoriamente intitulado *Where bad jobs are better: why retail jobs differ across countries and companies* (Onde os empregos ruins são melhores: por que empregos no varejo diferem entre países e empresas).

Finalmente, estou muito otimista em relação aos resultados do projeto EOIW. Meus colegas e eu publicamos apenas alguns trabalhos preliminares e o projeto ainda está em andamento, mas acredito que encontrar o caminho para os trabalhadores informais se mobilizarem e se empoderarem é o principal desafio a enfrentar na área do trabalho hoje. Além disso, acredito que os muitos experimentos atualmente em curso na organização dos trabalhadores informais, apesar de todas as suas falhas e limitações, são muito promissores e trazem lições importantes para o restante da classe trabalhadora. Tem sido muito empolgante trabalhar com

³ Russell Sage Foundation, 2001 (foi indicado como *Notable Book* pela Princeton University Industrial Relations Section).

colaboradores como Rina Agarwala, Peter Evans, Enrique de la Garza, Sarah Mosoetsa e Carlos Salas, e estou na expectativa de novos achados de pesquisa⁴.

RO - *Quão relevante tem sido a ideia e a prática da interdisciplinaridade em sua trajetória intelectual e experiência de pesquisa?*

CT - Minha formação principal é como economista, e tenho muito claro que meu conhecimento em Economia é mais profundo do que em outras disciplinas, como a Sociologia, e que tenho certos hábitos “econômicos” de pensamento. Ao mesmo tempo, minha formação e minha abordagem de pesquisa sempre foram interdisciplinares. Eu fiz doutorado combinado em Economia e Planejamento Urbano (este, em si, um campo interdisciplinar) no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e meus estudos incluíram disciplinas de Relações do Trabalho, Ciência Política e História. Embora o meu primeiro trabalho docente tenha sido em Economia, meus colegas e eu logo formamos um departamento interdisciplinar de Política e Planejamento e, em seguida, um departamento ainda mais interdisciplinar de Economia Regional e Desenvolvimento Social (incluindo acadêmicos da Economia, História, Ciência Política, Psicologia e Sociologia). Hoje, sou docente em um departamento interdisciplinar de Planejamento Urbano.

Minha pesquisa também começou interdisciplinar e se tornou ainda mais. Eu colaboro muito mais com sociólogos do que com economistas.

⁴ Veja sobre este Projeto: a) *Final report: informal worker organizing as a strategy for improving subcontracted work in the textile and apparel industries of Brazil, South Africa, India and China* (“Relatório final: organização informal de trabalhadores como estratégia para melhorar o trabalho subcontratado nas indústrias têxtil e do vestuário do Brasil, África do Sul, Índia e China”). IRLE / UCLA, 2013 (disponível em: <https://www.dol.gov/ilab/reports/pdf/ILAB-UCLA%20Report%20-%20Final%20Full%20Report%202013-09.pdf>); e b) Carré, Françoise; Tilly, Chris; Bonner, Christine. “*International informal worker organizations transforming the world of unprotected work*” (“Organizações internacionais de trabalhadores informais transformando o mundo do trabalho desprotegido”). *Perspectives on Work*, Vol. # 16, 2014 (disponível em: <http://wiego.org/publications/international-informal-worker-organizationtransforming-world-unprotected-workperspecti>).

Creio que a abordagem ortodoxa dominante da Economia nos EUA dá bem pouca atenção ao contexto institucional dos mercados, especialmente do mercado de trabalho. Essa abordagem é útil para o trato metodológico dos problemas, e é bastante adequada para lidar com certos problemas. No entanto, estou mais interessado em questões de desigualdade, poder e ação coletiva (seja, esta ação coletiva, no âmbito de uma classe, de um setor ou de um local de trabalho; seja na esfera do Estado, da economia, da sociedade ou de dimensões culturais, como as normas). Para abordar essas questões, considero necessário um marco de investigação interdisciplinar.

RO - *Em sua experiência de vida mais ampla, como você tem combinado pesquisas acadêmicas e ativismo social? Por outro lado, como você concilia a crítica social e as proposições práticas dirigidas aos agentes sociais?*

CT - Como observei ao trazer partes da minha biografia, fui ativista, de um modo ou de outro, desde criança. Em alguns casos, isso não tem relação direta com minha pesquisa, o vínculo é indireto, através de uma cosmovisão que valoriza a justiça social e econômica, o internacionalismo e a escuta dos marginalizados. Em outros casos, encontrei maneiras de tornar a conexão mais direta. Nesses casos, as “setas” vão em duas direções. Direção 1: uso minha pesquisa e experiência acadêmicas para intervir no ativismo social. Durante décadas aconselhei grupos trabalhistas e de movimentos sociais sobre questões que conheço, dei entrevistas para a mídia sobre esses temas, fiz depoimentos em audiências legislativas e processos judiciais, fiz palestras em encontros de ativistas, além de conferências e seminários acadêmicos. Direção 2: O ativismo social informa meus tópicos de pesquisa acadêmica e as questões substantivas que exploro. A preocupação com a disseminação de “reformas” severas no sistema de bem-estar dos EUA levou Randy Albelda e eu a fazermos

uma pesquisa que resultou no livro *Glass ceilings and bottomless pits*⁵ (“Tetos de vidro” e poços sem fundo), e conversas com grupos em todo o estado de Massachusetts nos ajudaram a delinear a pesquisa. Reuniões com ativistas “horizontalistas” em quatro países da América Latina me estimularam a escrever uma série de artigos sobre o que Marie Kennedy e eu chamamos de “terceira esquerda” da América Latina. Minha crescente consciência do ativismo dos trabalhadores informais em Los Angeles, nos EUA e em todo o mundo levou-me a lançar a rede de pesquisa EOIW. Informado por esse conjunto de experiências de aprendizagem, muitas vezes incluiu ativistas como palestrantes em eventos acadêmicos, como fonte de ideias e para estimular um diálogo mais amplo.

RO - *Como sua trajetória cruzou com o IRLE / UCLA?*

CT - Houve uma seleção nacional por um novo diretor para o Instituto em 2007-2008. Fiquei imediatamente interessado, por causa da profunda integração da pesquisa do IRLE com extensão comunitária, e de acadêmicos com técnicos. Eu também sabia que o movimento de trabalhadores de Los Angeles era o mais inovador dos EUA e estava ligando questões tradicionais de qualidade do emprego a lutas por direitos de imigrantes, acesso a empregos para comunidades negras e sustentabilidade ambiental. Então, eu me candidatei para o trabalho, e tive a sorte de ser contratado. Trabalhei como diretor de 2008 a 2016. Agora, renunciei a essa posição e me tornei um professor e pesquisador regular na UCLA.

Trajetoira institucional e de investigação do IRLE

RO - *Poderia nos apresentar brevemente a história do IRLE, sua missão principal e o tipo de atividades que foram priorizadas ao longo do tempo?*

⁵ South End Press, 1997.

CT - O *UCLA Institute for Research on Labor and Employment* (Instituto de Pesquisa sobre Trabalho e Emprego da UCLA) foi criado em 1946 pelo Legislativo da Califórnia, juntamente com sua instituição irmã, o IRLE da Universidade da Califórnia Berkeley. Nasceu da nova preocupação dos EUA com as relações industriais que surgiu com os movimentos operários militantes e muito bem-sucedidos dos anos 1930 e, depois, com a institucionalização de um campo e da profissão de relações industriais, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o governo dos EUA contratou especialistas trabalhistas para atuar junto aos sindicatos e às gerências para evitar greves e manter a produção ativa durante a guerra.

O IRLE seguiu um percurso variável em dois sentidos. Em primeiro lugar, seu foco, às vezes, se deslocou mais para atividades acadêmicas, às vezes, menos nessa direção – por exemplo, em 1964 os sindicatos na Califórnia, insatisfeitos porque os IRLEs da UCLA e Berkeley se tornaram demasiado acadêmicos, pressionaram pela criação de *Labor Centers* (Centros de Trabalho) afiliados, que poderiam realizar mais atividades fora da academia. Os Centros de Trabalho criados então continuam funcionando como parte dos IRLEs hoje. Em segundo lugar, ao longo dos últimos 15 anos ou mais, tem havido ataques políticos concertados por parte forças conservadoras e antissindicais visando a eliminação dos IRLEs. Na verdade, três semanas depois de começar meu trabalho, o então governador da Califórnia vetou todos os fundos para ambos os IRLEs. Felizmente, fomos capazes de assegurar fundos para continuar a operar, mas este foi apenas um de uma série de desafios muito sérios para a continuidade dos IRLEs.

Apesar desta trajetória flutuante, o IRLE/UCLA (assim como o de Berkeley) continuou a funcionar, sempre incluindo atividades acadêmicas e atividades mais práticas, voltadas à extensão em comunidades, em locais de trabalho e em sindicatos, assim como em outras organizações que servem aos trabalhadores.

RO - *Em termos institucionais, como o IRLE está estruturado e como funciona?*

CT - O IRLE é uma unidade da Universidade, e se reporta ao Decano de Ciências Sociais. O IRLE é a organização guarda-chuva que abriga quatro subunidades. A maior delas é o *Center for Labor Research and Education*⁶ (Centro de Pesquisa e Educação Laboral - Centro do Trabalho), que realiza atividades de extensão comunitária, educação popular, pesquisa aplicada e assistência técnica. Em seguida vem o *Labor Occupational Safety and Health Program* - LOSH⁷ (Programa de Segurança e Saúde Ocupacional), que realiza programas de treinamento em saúde e segurança dos trabalhadores (para trabalhadores, organizações de trabalhadores, profissionais de saúde e empregadores) e realiza pesquisas e assistência técnica nesses tópicos. Há, também, uma Unidade Acadêmica que organiza colóquios e conferências, abriga projetos de pesquisa e visitantes acadêmicos, oferece pequenas bolsas de pesquisa e facilita a comunicação e colaboração com acadêmicos em outros *campi* e em todo o mundo. A Unidade Acadêmica e o Centro de Trabalho patrocinam conjuntamente um "Minor"⁸ em *Labor and Workplace Studies* (Estudos sobre Trabalho e Local de Trabalho) e o IRLE está agora tratando de convertê-lo em um "Major"⁹. A menor subunidade é a *Human Resource Round Table* - HARRT¹⁰ (Mesa Redonda de Recursos Humanos), um programa de formação em rede e educação continuada para executivos de Recursos Humanos de diversas empresas. Todas as subunidades funcionam de forma relativamente independente, mas todas respondem ao IRLE, e às vezes, ocorrem colaboração entre subunidades, como o *Minor*.

6 Conferir: <http://www.labor.ucla.edu/>.

7 Conferir: <http://losh.ucla.edu/>.

8 Créditos complementares que podem ser obtidos através de cursos, em geral de caráter interdisciplinar, acessados durante a graduação.

9 É a própria graduação ou bacharelado.

10 Conferir: <https://harrrt.ucla.edu/about-us/>.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

RO - *O IRLE tem conseguido articular diferentes áreas e departamentos da UCLA, em apoio a seu projeto?*

CT - O IRLE tem fortes vínculos com os programas da UCLA nas Ciências Sociais, na Escola de Assuntos Públicos, na Escola de Direito, na Escola de Saúde Pública e no Instituto Internacional. Há também conexões com a Escola de Educação e com uma série de outros centros de pesquisa, especialmente os Centros de Estudos Étnicos e o Centro de Estudos de Mulheres. Os colóquios e conferências do IRLE são invariavelmente realizados em parceria com outras unidades da UCLA.

RO - *Por outro lado, como o IRLE conseguiu articular estudos acadêmicos e ações de intervenção prática? Em relação a isso, que papel o Centro de Trabalho da UCLA tem desempenhado?*

CT - A dupla missão do IRLE como um “*think and do tank*”, um núcleo de reflexão e ação, permeia todas as suas atividades. As pesquisas mais acadêmicas do IRLE, muitas vezes, são relevantes para as estratégias de políticas públicas ou de movimentos sociais. As atividades de extensão do Centro do Trabalho são muitas vezes informadas por pesquisa-ação. Nas aulas do *Minor* de “Estudos Laborais”, os estudantes de graduação frequentemente realizam pesquisas de campo e *service learning*¹¹ (residência social) junto a organizações comunitárias e trabalhistas. Além disso, o Centro do Trabalho, o LOSH e a HARRT atuam mais na ponta da “ação” do espectro, enquanto a Unidade Acadêmica atua mais na ponta da “reflexão”. A tensão resultante nem sempre é fácil de administrar, e pode levar a conflitos sobre prioridades e recursos. Mas, em última análise, é uma tensão criativa, que induz cada uma das unidades a integrar pensamento e ação visando novas maneiras de tornar o trabalho melhor. Uma inovação tem sido a criação dos *IRLE Dialogues* (Diálogos IRLE), que

¹¹ Trata-se de uma abordagem pedagógica que associa a aprendizagem com o engajamento em serviços comunitários.

reúnem pesquisadores da UCLA em posições variadas (professores, estudantes de pós-graduação, acadêmicos visitantes) e profissionais da área para discutir questões oportunas.

RO - *Com relação a isso, você poderia falar sobre a participação do IRLE na campanha local de salário mínimo que resultou na adoção oficial, em Los Angeles, em 2015, de um salário mínimo que subiu para US\$ 15/hora?*

CT - Questões referidas ao trabalho sub-remunerado foram um dos principais focos do IRLE ao longo do meu mandato como Diretor do IRLE e da minha predecessora, a Professora Ruth Milkman (atualmente na City University of New York). Ruth conduziu uma extensa pesquisa sobre a organização do trabalho entre trabalhadores sub-remunerados e encabeçou um estudo sobre o *wage theft* (roubo salarial) em Los Angeles, demonstrando que muitos trabalhadores sub-remunerados não recebiam o salário mínimo ou o prêmio por horas extras. Eu co-editei dois livros relacionados ao tema, *The gloves-off economy: labor standards at the bottom of America's labor market*¹² (Economia sem freios: padrões laborais na base do mercado de trabalho da América) e *Are bad jobs inevitable?*¹³ (Empregos ruins são inevitáveis?), e organizei pesquisa e diálogo acadêmico relacionados ao assunto. Os pesquisadores e coordenadores de extensão do Centro do Trabalho continuaram desenvolvendo nossa base de conhecimento sobre roubo salarial, com participação ativa em debates públicos sobre o assunto.

Quando os ativistas trabalhistas de Los Angeles propuseram um salário mínimo de US\$ 15/hora (seguindo leis similares em Seattle e San Francisco), tanto o Centro do Trabalho como a Unidade Acadêmica do IRLE se uniram à Mesa Redonda Econômica de Los Angeles (HARRT) para produzir um relatório avaliando o provável impacto dessa alta no míni-

¹² Cornell University Press, 2008 (em co-edição com Annette Bernhardt, Heather Boushey e Laura Dresser).

¹³ Palgrave, 2012 (em co-edição com Chris Warhurst, Françoise Carré e Patricia Findlay).

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

mo. Ajudamos a defender um salário mínimo mais alto, mostrando que os resultados positivos eram prováveis, e nosso trabalho em curso sobre roubo salarial ajudou a motivar a cidade de Los Angeles a criar uma nova agência para garantir que o salário mínimo de US\$ 15 fosse efetivamente pago. Estamos orgulhosos por termos contribuído para esse êxito histórico. Atualmente, o IRLE está colaborando com o *UCLA North American Integration and Development Center* (Centro de Integração e Desenvolvimento Norte-Americano da UCLA) para ajudar os pequenos municípios do sul da Califórnia a preverem os efeitos da elevação de seus próprios salários mínimos para US\$ 15, para ajudá-los a decidir se seguem o exemplo de Los Angeles.

RO - *Historicamente, qual foi o principal tema de pesquisa conduzido pelo pessoal do IRLE? E sobre a atual agenda de pesquisa do IRLE, alguma coisa mudou em termos de atividades prioritárias, enfoque temático ou perspectiva de abordagem?*

CT - A agenda de pesquisa do IRLE sempre se concentrou no trabalho, no emprego e nos trabalhadores. No entanto, o foco mudou ao longo do tempo, refletindo as questões que atraíam a atenção no mundo exterior, bem como os diferentes interesses dos líderes do IRLE e do Centro do Trabalho. Por exemplo, na década de 1960, como o Movimento dos Direitos Civis pelos direitos dos afro-americanos estava tendo um enorme impacto nos EUA, os pesquisadores do IRLE começaram a olhar mais para questões de racismo e estratificação racial no local de trabalho. A partir da década de 1990, com níveis historicamente elevados de imigração para os EUA, especialmente a partir da América Latina, o IRLE e principalmente o Centro do Trabalho desenvolveram iniciativas centradas na integração dos imigrantes. Nos últimos anos, com a irrupção do movimento *Black Lives Matter*, lembrando-nos de como as desigualdades de raça, etnia e classe estão incrustadas nos sistemas de polícia e de justiça

criminal, o IRLE tem apoiado mais pesquisas que examinam como esses sistemas afetam os trabalhadores.

Como mencionei antes, minha predecessora, Ruth Milkman, juntamente com Kent Wong, Diretor do Centro do Trabalho, enfatizou as questões de trabalho sub-remunerado. Como Diretor, mantive essa ênfase, reforçando o foco em redes e comparações internacionais. Por exemplo, a primeira conferência do IRLE que organizei analisou o trabalho e os trabalhadores de China, México e EUA. As conferências subsequentes discutiram o trabalho no Sul global e comparações internacionais sobre migração e diversidade da força de trabalho (embora também tenhamos organizado conferências sobre tópicos mais centrados nos EUA). O IRLE também ajudou a organizar uma recente conferência mundial sobre o Trabalho Precário, que teve lugar em Seattle¹⁴, e eu participei em muitos outros encontros globais, incluindo congressos da Global Labor University (GLU), da International Sociological Association (ISA) e da Associação Latino-Americana de Sociologia do Trabalho (ALAST). Durante minha gestão, aumentamos muito a presença de acadêmicos visitantes do exterior. E meus principais projetos de pesquisa durante esse período foram comparativos: comparando empregos do setor varejista em todo o mundo e comparando a organização de trabalhadores informais em vários países. No geral, os principais temas programáticos do IRLE, quando fui Diretor, foram: melhorar o trabalho de baixa remuneração, integração dos imigrantes e fluxos e redes globais. Agora, no entanto, o IRLE tem um novo diretor, o professor Abel Valenzuela, e ele vai definir seu próprio foco temático.

¹⁴ Veja sobre: <http://www.irlle.ucla.edu/events/PrecariousWork.php>.

Tendências atuais dos estudos do trabalho nos Estados Unidos

RO - *Em sua opinião, a agenda de Estudos do Trabalho mudou recentemente nos EUA? É possível dizer que temas como informalidade e precariedade ganharam maior relevância nos Estudos Laborais desenvolvidos no país?*

CT - Eu apontaria três mudanças na agenda dos Estudos Laborais nos EUA: uma mudança de longo prazo (nos últimos 40 anos), uma de médio prazo e outra mais recente. A longo prazo, os sindicatos tornaram-se mais fracos nos Estados Unidos (caindo de um terço da força de trabalho do setor privado para cerca de seis por cento, por várias razões) e, consequentemente, a atenção ao trabalho e às relações de trabalho diminuiu. Enquanto há várias décadas atrás a maioria das escolas de Administração tinha departamentos de relações industriais ou de relações de trabalho, hoje eles são incomuns, e o mesmo declínio pode ser identificado em todas as Ciências Sociais. Assim, os Estudos do Trabalho tornaram-se um campo de investigação menor, menos poderoso e mais isolado nos EUA.

A médio prazo (nos últimos 20 anos), os estudiosos do trabalho dos EUA foram fortemente influenciados pelo processo de globalização. Muito mais pesquisas realizadas por estudiosos do trabalho dos EUA passaram a focar no trabalho em outros países, ou na comparação do trabalho e dos trabalhadores entre países (como as minhas).

No curto prazo (nos últimos 10 anos, e continuando a aumentar), há de fato um *boom* na atenção ao trabalho precário e informal. Essa atenção é impulsionada pela percepção de que o trabalho tem tendido a se tornar mais precário desde o surgimento do neoliberalismo e de que a recessão de 2008-10 intensificou essa tendência. A conferência sobre o Trabalho Precário que o IRLE e outros organizaram teve uma acolhida entusiástica, e sei de várias edições especiais recentes e vindouras de periódicos com foco na precariedade e informalidade. Este enfoque é muito

necessário, já que, na minha opinião, organizar e desenvolver a força dos movimentos de trabalhadores informais é hoje o principal desafio para o movimento trabalhista e todos aqueles que apoiam os interesses dos trabalhadores, tanto nos Estados Unidos como em todo o mundo.

RO - *Nos Estudos Laborais americanos atuais, a questão da interdisciplinaridade é mais forte do que antes? Houve um avanço efetivo nessa área? Ou continua a ser um desafio difícil, mais uma vez destacado, mas sem apresentar um efetivo progresso ainda?*

CT - Os EUA sempre tiveram um forte componente de pragmatismo intelectual, o que abriu espaço para abordagens interdisciplinares. Campos como relações industriais (agora mais frequentemente denominado relações de trabalho, ou mesmo “trabalho e emprego”) têm sido interdisciplinares desde suas origens. Do mesmo modo, os educadores da área do trabalho, que realizam programas de “extensão” com aulas para sindicalistas e outros trabalhadores, extraem seus conteúdos de múltiplas disciplinas. A maioria dos principais centros de pesquisa sobre Estudos Laborais nos EUA, incluindo o IRLE/UCLA, são profundamente interdisciplinares. Ao mesmo tempo, a “defesa de território” pelas disciplinas tradicionais, e sua prática de estabelecer fronteiras permanecem muito fortes. Considero bastante limitados os avanços em direção ao diálogo e à colaboração interdisciplinares.

RO - *Finalmente, gostaríamos de ouvir sua opinião sobre algumas questões que talvez estejam entre os desafios mais atuais dos Estudos Laborais nos EUA. Em primeiro lugar, para você, quais foram os fatores mais importantes que levaram ao aumento do trabalho informal e precário nos EUA nas últimas décadas?*

CT - Eu vejo influências de dois fatores principais. Por um lado, os empregadores têm tentado rebaixar a remuneração do trabalho, em muitos casos, separando os trabalhadores uns dos outros por meio de

cadeias de subcontratação, *franchising*, uso de trabalhadores temporários e outros dispositivos que dividem os trabalhadores entre diversos *status* – mais recentemente, incluindo a contratação de pessoas como “contratantes independentes” através de plataformas *on-line* como Uber. Muitas empresas também têm se oposto ativamente aos sindicatos, tentando mantê-los fora da empresa, ou expulsá-los, se estiverem presentes. Em geral, as empresas buscam diminuir suas obrigações e compromissos com os trabalhadores, afastando-se de emprego de longo prazo, oportunidades de ascensão e concessão de benefícios adicionais (exceto para alguns poucos trabalhadores privilegiados cujas habilidades se encontram em alta demanda).

Por outro lado, o Estado – incluindo os governos nacional, estaduais e locais – tem adotado um conjunto de políticas neoliberais. Estas incluem a “flexibilização” do trabalho através do relaxamento das normas laborais; encolhimento do estado de bem-estar dirigido aos trabalhadores; retirada do apoio governamental ou, em alguns casos, ataques a sindicatos; desregulamentação dos negócios; e acordos de “livre comércio” (*free trade*) que defendem os interesses do capital, e não os do trabalho.

Relacionadas ao neoliberalismo, mas um pouco distintas, os Estados Unidos estão buscando políticas públicas que gerem grandes ofertas de mão-de-obra com poucas alternativas ou proteções. Um regime de imigração “semi-liberal” aceitou tacitamente a migração em grande escala em resposta às necessidades declaradas das empresas, mas consigna os imigrantes indocumentados a uma existência sombria, sujeita à deportação se desagradarem a um empregador. O encarceramento de milhões de pessoas gera um grande fluxo de ex-presidiários em busca de trabalho, mas que enfrentam enorme estigma, além de poucos recursos de busca de emprego e de qualificação. A redução dos programas de bem-estar empurra para a força de trabalho muitos dos que enfrentam obstáculos

para trabalhar (filhos pequenos, deficiências, falta de habilidades básicas), e que anteriormente contavam com programas de segurança social como uma opção.

Processos semelhantes estão em curso na economia e na política em muitos outros países do mundo.

RO - *A esse respeito, que peso se deve atribuir a fenômenos como a desindustrialização, estratégias empresariais de terceirização, deslocamento de empregos do setor industrial para o setor de serviços, crescente imigração, maior influência da ideologia neoliberal sobre os governos e os formuladores de políticas e outros?*

CT - Falei sobre a maior parte dessa lista, mas não incluí a desindustrialização ou deslocamentos da indústria para os serviços, por uma razão. Se houvesse fortes instituições de proteção – leis que facilitassem a sindicalização, um salário mínimo que fosse um “salário digno”, que tornassem as empresas responsáveis pelos trabalhadores em sua cadeia de fornecimento ou contratados através de “terceiros”, como agências de trabalho temporário ou *franchising* – então essas também se aplicariam aos setores em que os empregos estão crescendo. O problema não é produzido por uma mudança de um setor para outro, mas por novas estratégias das empresas visando trabalho mais barato, assim como novas políticas governamentais que ajudam a impulsioná-las, em vez de limitá-las.

RO - *Pode-se afirmar que os Estudos Laborais nos Estados Unidos têm revelado evidências consistentes de experiências organizacionais por parte de trabalhadores informais e precários? Por outro lado, revelam experiências de políticas públicas capazes de melhorar a segurança social dos trabalhadores informais e precários?*

CT - Os Estudos Laborais nos Estados Unidos, sem dúvida, têm mostrado importantes exemplos de organização por parte de trabalhadores informais e precários. O trabalho de Ruth Milkman, Nik Theodore, Eileen

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

Boris, Dorian Warren, Janice Fine, Abel Valenzuela e muitos outros apontam para várias iniciativas de organização. É importante sublinhar que, embora esta organização constitua um avanço importante, ela atinge e envolve um percentual muito pequeno dos trabalhadores informais e precários. Ainda assim, há algumas lições. Tenho apontado, juntamente com outros, o fato de que, ao invés da negociação coletiva com os empregadores, as políticas públicas têm sido a arena mais importante para as (limitadas) vitórias – e que as alianças políticas com outros atores, incluindo sindicatos, têm sido essenciais para essas vitórias. Os êxitos incluem salários mínimos locais e estaduais, legislação para detectar e punir roubo salarial, leis exigindo o pagamento de faltas por doença e o comunicado prévio de horário de trabalho, começando a responsabilizar as empresas pelas violações trabalhistas de seus subcontratados e, em alguns casos, leis restringindo a renovação de licença das empresas com um histórico de práticas laborais ilegais, ou orientando as compras públicas com base, em parte, no comportamento das empresas como empregadores. Alguns sucessos envolvem a aprovação de uma lei, ou vitória em uma ação judicial que envolve um setor individual ou até mesmo um único empregador – por exemplo, aprovação do Projeto de Lei de Direitos dos Trabalhadores Domésticos no âmbito estadual, decisões judiciais afirmando a legalidade dos trabalhadores diaristas que prestam trabalho em espaços públicos, ou julgamentos de roubo salarial contra restaurantes, que resultam em pagamento retroativos aos trabalhadores e, em alguns casos, também na obrigatoriedade da continuidade de certas práticas pelo empregador. Todas essas “vitórias” são mais comuns em cidades e estados com governos de esquerda.

RO - *Você poderia falar um pouco sobre a experiência dos centros de trabalhadores nos EUA e sobre suas conexões com os sindicatos? Que ganhos e limitações resultaram desse tipo de interação, na perspectiva dos avanços em uma agenda de direitos sociais?*

CT - Nos Estados Unidos, os centros de trabalhadores surgiram em ramos onde a formação de sindicatos é extremamente difícil ou impossível: trabalho doméstico, diaristas da construção civil, trabalho em restaurantes, grande parte do setor de varejo, e assim por diante. Esses centros integram elementos de sindicatos, ONGs, organizações de defesa de direitos e redes de apoio mútuo para atender aos trabalhadores, especialmente migrantes de outros países. Alguns definem seu foco por setor; outros se organizam mais de acordo com distinções étnicas / nacionais, do que setoriais. Eles tiveram impactos importantes na conscientização sobre esses trabalhadores e empregos e na conquista de políticas públicas. No entanto, ainda não conseguiram constituir filiações expressivas.

Os centros de trabalhadores são restritos ao âmbito local, mas alguns deles formaram redes nacionais, principalmente a *National Domestic Workers Alliance* – NDWA (Aliança Nacional de Trabalhadores Domésticos), a *National Day Laborers' Organizing Network* – NDLON (Rede Nacional de Organização dos Trabalhadores Diaristas) e os *Restaurant Opportunities Centres-United* - ROC-U (Centros-Unidos de Oportunidades em Restaurantes). Existe também, em âmbito nacional, uma “rede de redes”, o *United Workers Congress* (Congresso de Trabalhadores Unidos), que inclui essas e outras redes. Dentro de uma determinada cidade ou área metropolitana, os centros de trabalhadores formam alianças entre si e com sindicatos, organizações religiosas e outros grupos progressistas. Em âmbito nacional, a NDWA e a NDLON também estabeleceram alianças formais com a AFL-CIO, a principal federação sindical dos EUA, e a NDLON estabeleceu uma colaboração específica com a União Internacional dos Trabalhadores para organizar trabalhadores da construção civil. Nessas alianças, como no trabalho local dos centros de trabalhadores, os maiores êxitos referem-se à maior conscientização pública e ao alcance de reformas nas políticas públicas, não o recrutamento de membros nem o envolvimento em negociações coletivas.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

RO - *Qual a relação entre os Estudos Laborais sobre o trabalho informal e precário e os temas como migração, racismo, etnia e gênero? As pesquisas empíricas têm avançado no sentido de melhorar a abordagem dessas relações? Os esforços de (re)conceituação progrediram nessas abordagens?*

CT - Nos EUA, assim como em todo o mundo, há fortes evidências de que mulheres, grupos étnicos ou raciais marginalizados e migrantes são mais propensos a acabar em trabalho precário ou informal. (Em outros países, como a China ou a Índia, o mais relevante eixo da migração é inter-regional dentro do país, em vez de internacional.) Nada disso é novo – há muito tempo, esses grupos se concentram nos piores empregos, no “mercado de trabalho secundário”, e assim por diante, dado seu menor acesso a poder econômico e político e a privilégios. Mas uma análise útil deve ir além dessa observação geral, para entender como gênero, raça e etnia e *status* de migração ajudam a estruturar o trabalho precário informal e, de modo geral, como essas categorias estruturam a classe, e vice-versa. Os Estudos Laborais americanos têm dedicado muita atenção aos temas de raça e gênero, de modo que algumas ferramentas analíticas importantes estão disponíveis. Ainda assim, estamos apenas no início de entender como tais diferenças socialmente construídas interagem com informalidade e precariedade. Por exemplo: como o trabalho precário e informal gera oportunidades e experiências diferentes para homens e mulheres, dadas a segregação e a discriminação de gênero? De que modo agências étnicas e/ou de migração e processos de migração em cadeia condicionam o acesso dos trabalhadores a vários tipos de trabalho? De que modo raça, etnia, *status* de migrante e gênero moldam a forma como trabalhadores informais e precários veem seu trabalho, resistem, mobilizam-se, formam organizações e desenvolvem repertórios de estratégias e táticas? E assim por diante. Esta é uma área muito proveitosa para a investigação, e mais pesquisas estão em andamento.

RO - *Tendo em conta a tendência atual de informalização e precarização do trabalho, que atinge a maioria dos setores da economia, o que permanece distinto e o que está agora se assemelha, quando comparamos essa situação com a dos países latino-americanos? É possível dizer que condições assim adversas, tanto no Sul quanto no Norte, levaram a realidades semelhantes em termos de trabalho e suas conexões com temas como sindicalismo, desenvolvimento, cidadania e democracia?*

CT - Pode-se dizer com certeza que o rumo da evolução do trabalho nos Estados Unidos e na América Latina, como na maior parte do Norte global e do Sul global, tem sido semelhante (embora, por quase dez anos, tenha havido uma importante “exceção brasileira”, que agora parece ter terminado devido ao “golpe constitucional” que derrubou Dilma). E cada região pode aprender com a outra, um assunto ao qual eu retornarei depois. No entanto, é importante ter em mente três advertências.

Em primeiro lugar, a direção similar da evolução das Américas não é uma tendência nova. Os grandes países latino-americanos não se industrializaram tão cedo quanto os EUA, mas se industrializaram. Assim como os Estados Unidos, que passou pelas reformas do *New Deal* dos anos 1930 e operou com princípios sociais democráticos “fracos” até a década de 1970, muitos países da América Latina viram variedades de partidos e estados populistas, corporativistas e/ou desenvolvimentistas, que perseguiram políticas semelhantes em relação ao trabalho. A virada neoliberal originou-se nos Estados Unidos, mas foi implementada de forma mais rápida e dramática na América Latina, particularmente no Chile, depois de 1973 – resultando em crescente desigualdade e na precarização e informalização do trabalho.

Em segundo lugar, embora o rumo da evolução seja semelhante, o *status* absoluto dos trabalhadores difere enormemente entre o Norte e o Sul. A maioria da força de trabalho, em muitos países da América Latina,

é informal segundo as definições correntes, e os EUA ainda não estão próximos desse nível. Grande parte da população da América Latina é empobrecida e vive sob condições desesperadoras, tornando o trabalho informal uma questão de sobrevivência para grande parte dela.

Terceiro, a resposta política à precarização tem sido diferente nas duas regiões. Na América Latina, o crescimento do trabalho informal e precário foi um dos estímulos à “onda rosa” dos governos de centro-esquerda, populistas de esquerda e socialdemocratas – uma onda que agora parece recuar. Os governos progressistas da América Latina expandiram a redistribuição da renda para baixo, aproveitando o “bônus” do *boom* das *commodities* que prevaleceu durante grande parte da década de 2000. Os governos toleraram e, em alguns casos, apoiaram (alguns) movimentos sociais por justiça econômica e étnico-racial e, em muitos casos, impulsionaram a aplicação das normas laborais. Os governos do Partido dos Trabalhadores de Lula e Dilma no Brasil foram excepcionalmente ativos na combinação de redistribuição, políticas direcionadas para desenvolver a agricultura industrial e comercial, reforço da aplicação da legislação trabalhista e apoio tácito aos sindicatos –, mas, com o fim do *boom* das *commodities*, as crescentes dificuldades econômicas e o “golpe constitucional”, não se pode esperar a continuidade dessas tendências. A resposta política, em toda a América Latina, também inclui mobilizações políticas a partir das bases, pelos sindicatos e movimentos sociais – embora, em muitos casos, governos populistas tenham atuado contendo, canalizando ou apoiando seletivamente, para bloquear movimentos populares fortes e independentes.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, oito anos de governo de Obama, com feroz oposição do partido republicano no poder legislativo, produziram um “neoliberalismo suave”, e as vitórias econômicas e de direitos trabalhistas mais significativas foram conquistadas justamente nos níveis

local e estadual (como já mencionei), não no nível nacional. Em termos de respostas das bases à precarização, o movimento dos centros de trabalhadores e alguns sindicatos particularmente ativos têm sido lutadores aguerridos e inovadores, mas permaneceram pequenos em comparação com a escala dos problemas, produzindo efeitos limitados. Talvez a maior fonte de otimismo seja a chamada geração “milenária” (nascida aproximadamente entre 1977 e 1994), para quem a experiência da recessão profunda de 2008-10 suscitou ideias muito progressistas sobre justiça econômica e várias outras questões. Os milenários, a maior geração já nascida nos EUA, foram fundamentais para a campanha *Occupy Wall Street* e para a surpreendente e bem-sucedida campanha populista de esquerda de Bernie Sanders para presidente, além de liderarem outros movimentos como o poderoso *Black Lives Matter*. À medida que se tornam uma presença mais importante no eleitorado, na força de trabalho e nas várias instituições dos EUA, podem-se esperar respostas mais progressistas à atual crise do trabalho. Mas esse potencial ainda está por realizar-se.

Como os países do Sul global têm lutado com o trabalho precário e informal em grande escala por muito mais tempo do que seus equivalentes no Norte, os movimentos trabalhistas e defensores de políticas nos EUA, Europa e Japão têm muito a aprender com a política e as experiências do Sul. Por exemplo, a Associação de Mulheres Trabalhadoras Autônomas da Índia (*India's Self-Employed Women's Association - SEWA*), que existe há mais de quatro décadas, é indiscutivelmente a rede nacional mais bem-sucedida de organizações de trabalhadores informais (entre outras coisas, é a maior federação sindical da Índia!), sendo pioneira em experimentos organizacionais, incluindo cooperativas e associações de trabalhadores informais, tendo-as unido em uma organização com poder local, regional e nacional. A rede de Economia Solidária do Brasil, da mesma forma, é a mais avançada do mundo. E existem importantes redes glo-

bais de organizações de trabalhadores informais, incluindo a Federação Internacional dos Trabalhadores Domésticos (com sede em Hong Kong), StreetNet (vendedores ambulantes, com sede na África do Sul) e Home-Net (trabalhadores a domicílio na Índia) – todas elas são originadas no Sul global, têm compartilhado lições em todo o Sul, e agora estão incluindo, cada vez mais, organizações e ativistas do Norte no diálogo.

RO - *Fique à vontade para as considerações finais, talvez, indicando como vê o futuro do trabalho e dos Estudos Laborais.*

CT - Os principais estudiosos do trabalho sempre foram motivados a buscarem um impacto real no mundo do trabalho, fosse com o objetivo de obter o consentimento e o esforço dos trabalhadores (como no campo de Recursos Humanos), para ajudar no alcance de acordos de benefício mútuo entre a força de trabalho e a administração (sendo essa a origem do campo das Relações Industriais), ou para auxiliar a dissidência e organização dos trabalhadores (alas mais à esquerda nos Estudos Laborais). O destino dos Estudos Laborais tem refletido, portanto, o destino do trabalho no mundo. Para cada uma das metas adotadas por diferentes correntes dentro dos Estudos Laborais, a desvalorização das necessidades e vozes dos trabalhadores pelo neoliberalismo criou mais uma batalha árdua. Para aqueles de nós à esquerda dos Estudos Laborais, essa é a mais dura batalha de todas. Mas, como Peter Evans e eu argumentamos em nosso recente ensaio sobre *The future of work* (O futuro do trabalho) (no *Sage Handbook of Work and Employment*, 2015), há “gérmenes” que sugerem a possibilidade de um futuro melhor para o trabalho e que também prometem um futuro melhor para os Estudos Laborais. Esses incluem alguns dos movimentos de base que mencionei nesta entrevista, o crescimento e a consolidação de iniciativas e redes de Economia Solidária em grande parte do mundo, a persistência de reformas econômicas e laborais progressistas (por parte de alguns governos), mesmo nos tempos mais som-

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 176-202

brios de hegemonia neoliberal, e a contínua revolução das tecnologias de informação e comunicação, que democratiza o acesso ao conhecimento e desafia o domínio do capital e das elites dirigentes sobre os meios de produção – entre os quais, o principal é o próprio conhecimento nesta era da informação. Hoje, nos Estados Unidos, na América Latina e em todo o mundo, existe um modesto círculo virtuoso ligando a inovação intelectual nos Estudos Laborais com a inovação prática na organização, defesa dos direitos e políticas públicas. Na medida em que pudermos expandir esse pequeno ponto de apoio, haverá potencial para dar passagem a avanços muito empolgantes nos Estudos Laborais e para o trabalho como um tópico na agenda mundial.

Roberto Véras de Oliveira é Doutor em Sociologia (USP) e Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, atuando no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

 roberto.veras.2002@gmail.com

Recebido em: 20.02.2017

Aceite em: 25.04.2017